



**UNIVERSIDADE-EMPRESA: LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA
NA BASE DE DADOS DO COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO
UNIVERSITÁRIA**

CATARINA ERIKA SAITO

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

catarinasaito@gmail.com

ÁLVARO GUILLERMO ROJAS LEZANA

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

alvaro.lezana@ufsc.br

Resumo: Os anais do Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária (CIGU) podem ser considerados uma das maiores bases de dados sobre o tema gestão universitária. Uma vez que o tema “universidade-empresa” (U-E) é pertinente ao evento e é de interesse constante de pesquisadores e empresários em relação ao ciclo de inovação, inerente ao tema, este trabalho tem como objetivo analisar as publicações sobre o tema “universidade-empresa” nos anais do CIGU, em língua portuguesa e, a partir deste levantamento, analisar a evolução dos estudos no contexto brasileiro. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica na base de dados do CIGU, o que compreende um período de 2000 a 2015. Dentre o resultado tem-se: uma relação de palavras-chaves associados ao tema “universidade-empresa”, a evolução do contexto dos estudos, o papel da universidade no processo de inovação, formas e tipos de interação U-E, motivação, obstáculos e mecanismos facilitadores da relação. Conclui-se que a evolução dos estudos segue abordagem *top-down*, as motivações são normalmente de natureza financeira, os obstáculos estão essencialmente relacionados à falta de informação e os mecanismos necessitam de uma gestão eficiente e efetiva para que a relação U-E ocorra de forma exitosa.

Palavras-chaves: Universidade-empresa. Pesquisa bibliográfica. Interação.

1 INTRODUÇÃO

O tema “universidade-empresa” tem despertado o interesse tanto de pesquisados quanto de empresários que buscam compreender e melhorar a gestão dos processos que envolvem o ciclo da inovação. Assim sendo, o levantamento exploratório das produções científicas são relevantes no que diz respeito a vislumbrar um panorama sobre a temática.

Os anais do Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária da América do Sul (CIGU), que em 2012 passou a se chamar Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas e posteriormente, a partir de 2014, passou a denominar-se Colóquio Internacional de Gestão Universitária (INPEAU, 2016), pode ser considerado uma fonte rica de estudos sobre o relacionamento universidade-empresa, uma vez que o tema é pertinente ao evento. O CIGU pode ser considerado um dos principais eventos promovidos sobre a Gestão Universitária. Desde o ano 2000 (exceto 2002), contabilizou 15 eventos realizados, contou com presenças de autoridades acadêmicas (como ministros de Estados, secretários de Educação Superior, Reitores e pró-reitores, diretores e outros dirigentes do ensino superior) além de pesquisadores e acadêmicos (INPEAU, 2016).

Desta forma, entende-se que analisar a base de dados do CIGU pode elucidar a evolução das pesquisas sobre a interação universidade-empresa e expor as oportunidades de pesquisas.

Assim, este artigo tem por objetivo analisar as publicações sobre o tema “universidade-empresa” nos anais do CIGU, em língua portuguesa e, a partir deste levantamento, analisar a evolução dos estudos no contexto brasileiro.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa pode ser caracterizada como descritiva e exploratória e quanto à técnica trata-se de uma pesquisa bibliográfica (GIL, 2008).

A busca dos artigos ocorreu em etapas, sendo: a) escolha da palavra-chave: “universidade-empresa”; b) busca pelo termo na base de dados de cada edição do evento; c) busca do termo “universidade-empresa” (ou sua equivalência “universidade/empresa”) no título do artigo e/ou resumo e/ou palavras-chaves; d) leitura dos artigos que retornaram nas buscas, com tendência de pesquisas quanto à relação universidade-empresa; e e) leitura integral dos artigos para compor o portfólio deste trabalho.

Constatou-se que, mesmo os artigos que não possuíam explicitamente o termo “universidade-empresa” em seu título e/ou resumo e/ou palavras-chaves, alguns termos equivalentes foram considerados, como por exemplo “universidade e sociedade”, “tripla hélice”, “hélice tripla” e “universidade-segmento empresarial”.

Conforme mostra a Tabela 1, desde a sua primeira edição no ano 2000 até a última em 2015, o CIGU publicou um total de 2.891 artigos, sendo que 131 retornaram com a busca pelo termo “universidade-empresa”. Destas, apenas 34 estavam apropriados e pertinentes à temática de interesse, ou seja, tinham como tema central a discussão sobre universidade-empresa. Os trabalhos que não foram contemplados na seleção não apresentavam em seus títulos e/ou resumos e/ou palavras-chaves o termo “universidade-empresa” ou sua equivalência. Trabalhos publicados em 2001, por se tratar apenas de resumo estendido, foi eliminado do portfólio.

Um artigo, intitulado “Transferência de conhecimento tecnológico da universidade para o setor produtivo em Portugal”, foi excluído por se tratar do contexto especificamente de Portugal e, por isso, não corresponde ao objetivo deste trabalho.

Tabela 1 – Ano, edições e número de trabalhos publicados no CIGU e portfólio da pesquisa.

Ano	Edição	Local	Trabalhos publicados	Retorno	Portfólio
2000	1 ^a	Florianópolis – BRA	32	1	0
2001	2 ^a	Mar Del Plata – ARG	84	2	0
2003	3 ^a	Buenos Aires – ARG	115	12	3
2004	4 ^a	Florianópolis – BRA	176	14	5
2005	5 ^a	Mar Del Plata – ARG	247	8	1
2006	6 ^a	Blumenau – BRA	153	10	2
2007	7 ^a	Mar Del Plata – ARG	155	13	2
2008	8 ^a	Assunção – PAR	73	1	1
2009	9 ^a	Florianópolis- BRA	176	19	3
2010	10 ^a	Mar Del Plata – ARG	257	19	3
2011	11 ^a	Florianópolis – BRA	226	13	3
2012	12 ^a	Veracruz – MEX	115	0	0
2013	13 ^a	Buenos Aires – ARG	384	12	4
2014	14 ^a	Florianópolis – BRA	440	4	3
2015	15 ^a	Mar Del Plata – ARG	258	3	3
TOTAL			2.891	131	33

Fonte: elaborado pelos autores

Construído o portfólio dos artigos, a seguir, são apresentados os resultados das análises conforme objetivo proposto nesse estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme apresentado, 33 artigos compõem o portfólio da pesquisa. Esses trabalhos são apresentados na Tabela 2:

Tabela 2 – Lista dos 33 artigos que constituem o portfólio da pesquisa

ANO	Título	AUTORES
2003	A cooperação universidade/empresa no Brasil	MELO, P. A.
2003	A cooperação universidade-empresa como fator de capacitação e potencialização da internacionalização: o caso do centro universitário de Jaraguá do Sul - UNERJ	CRUZ, C. B. B.; EHRHARDT, G.
2003	Universidade empreendedora: fortalecendo os caminhos para a responsabilidade social	NOVO, L. F.; MELO, P. A.
2004	Cooperação e parcerias interinstitucionais: reflexões sobre o papel da universidade pública	GUIMARÃES, V. N.; GRAMKOW, A.; MUÑOZ, E. F. P.; SEVERO, L. S.
2004	Assessoria em gestão como vetor de desenvolvimento das MPMs da região noroeste colonial do Rio Grande do Sul	KUHN, I. N.; BRANDLI, G. L.; REDIN, E.
2004	Relação universidade e sociedade: cenário e perspectivas das universidades brasileiras	ZIMMER, P.; MELO, P. A.
2004	Implantação e desenvolvimento de uma rede de cooperação em tecnologias limpas com o apoio de cursos de pós-graduação: o caso da rede de tecnologias limpas e minimização de resíduos - TECLIM	KIPERSTOK, A.; TORRES, E. A.; MENDONÇA, J. G.; CARDOSO, L. M. F.
2004	Transferência de conhecimento para o setor produtivo em escala regional: o caso da FURB	THEIS, I. M.; MENEGHEL, S. M.; BAGATTOLLI, C.
2005	Cooperação universidade-empresa-governo: o caso UNIJUÍ/SEDAI	VITCEL, M. S.; TEIXEIRA, E. B.; REDIN, E.
2006	Possibilidades e limites na cooperação universidade-empresa-governo: análise da experiência entre UNIJUÍ-SEDAI	VITCEL, M. S.; TEIXEIRA, E. B.; BEBER, M. C.
2006	O ideal e o real: contribuições da teoria da tripla-hélice de relações universidade-governo-empresa versus a prática da geração de inovações na universidade	TONELLI, D. F.; ZAMBALDE, A. L.
2007	Cooperação universidade-empresa e adoção de inovações: uma análise do setor de tintas, vernizes e solventes da AMREC e da universidade do extremo sul catarinense.	QUEIROZ, F. C. B. P.
2007	Estágio curricular do curso de administração do centro de ciências sociais aplicadas – elemento de integração - empresa universidade.	FLORES, L. C. S.; DIAS, M. A. H.; FLORES, R. O. M. S.
2008	Cooperação universidade/segmento empresarial na Universidade Federal de Santa Catarina: da Fundação CERTI ao Sapiens Parque	TECCHIO, E. L.; TOSTA, H. T.; MELO, P. A.; DALMAU, M. B. L.; KLAES, L. S.
2009	A integração das instituições de ensino de moda e empresas têxteis catarinenses: compromisso com a criação do conhecimento e inovação.	COSTA, M. I.; SILVEIRA, I.; MAGALHÃES, C. F.
2009	A relação da pesquisa científica e da cultura de inovação no âmbito acadêmico, uma análise da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	SERRA, C. S.; PELIZARO, C. I.; SILVA, A. K. M. S.; CLAUDINARDO F.; VIANA, L. H.; SPROESSER, R. L.
2009	Cooperação universidade/segmento empresarial: um processo necessário à inovação	TECCHIO, E. L.; KLAES, L. S.; DALMAU, M. B. L.; TOSTA, H. T.; CAIXETA, D. R. A.
2010	Cooperação universidade-segmento empresarial: dificuldades e mecanismos facilitadores do processo.	TECCHIO, E. L.; AZEVEDO, P.; TOSTA, H. T.; TOSTA, K. C. B. T.; NUNES, C. S.; BRAND, A. F.
2010	Dimensionamento do sistema de transferência de conhecimento científico e tecnológico do SOCIUS/ISEG, da Universidade Técnica de Lisboa para a sociedade organizada.	PACHECO, A. S. V.; FERREIRA, J. M. C.; RISSI, M.; NAKAYAMA, M. K.; PACHECO, A. S. V.; FREIRE, P. S.
2010	Parceria entre universidade e sociedade para promoção da saúde do trabalhador	NUNES, T. S.; INVITTI, C.; CUGNIER, J. S.; TOLFO, S. R.
2011	Dinâmica da interação universidade-empresa em Santa Catarina em relação ao Brasil sob a ótica da intensidade tecnológica	CÁRIO, S.; LEMOS, D. C.; PEREIRA, A. R.

ANO	Título	AUTORES
2011	A contribuição da cooperação universidade-segmento empresarial no processo de inovação	TECCHIO, E. L.; TOSTA, H. T.; MELO, P. A.; TECCHIO, R.
2011	Universidade e desenvolvimento regional: análise da contribuição do programa de pós-graduação em ciência e tecnologia de sementes da UFPEL	BANDEIRA, A. C.; MADRUGA, N., L. F.
2013	A interação universidade-empresa em Santa Catarina-Brasil: evolução e caracterização dos grupos de pesquisa e seu relacionamento com o setor produtivo	LEMONS, D. C.; CÁRIO, S. A. F.
2013	Atuação dos núcleos de inovação tecnológica na promoção do desenvolvimento regional a partir da abordagem da tríplice hélice	CHAI, C.; SCOPEL, A. M.; MACHADO, C. P.; OLEA, P. M.
2013	As iniciativas empreendedoras da UNIJUÍ e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social regional: uma análise da instituição a partir dos parâmetros de universidade empreendedora	LEITE, A. G. C.; DAMA, R. A.; GRIEBELER, M. P. D.
2013	Universidade como centro de um sistema regional de inovação: o caso do campus Araranguá da Universidade Federal de Santa Catarina	ESTEVES, P. C. L.; SILVA, S. M.; SILVA, J. B.; BASSANI, J.; LIBRELON, D.
2014	Cooperação universidade-empresa sob enfoque institucionalista-evolucionário: entraves e mecanismos facilitadores do processo nas universidades públicas de Santa Catarina	AZEVEDO, P.; CARIO, S. A. F.; MELO, P. A.
2014	Universidade empreendedora: a ótica dos empresários sobre o posicionamento empreendedor da universidade na contribuição para o desenvolvimento regional	CHAI, C.; MACHADO, C.; SCOPEL, A. M.; BOHRER, C.
2014	Hélice tripla e criação de valor compartilhado: uma proposta de integração universidade-empresa-governo no sistema de inovação	MORAIS NETO, S.; PEREIRA, M. F.; COSTA, A. M.
2015	Fatores de sucesso de projetos universidade-empresa: um quadro atualizado para gestão de projetos	SAITO, C. E.; LEZANA, Á. G. R.
2015	Obstáculos para a interação universidade-empresa: percepção de NITs, grupos de pesquisa e empresa	ZIMMER, P.; IATA, C. M.; LUZ FILHO, S. S.; ROMANO, J. M.
2015	O projeto extensão produtiva e inovação – PEPI e sua contribuição para o desenvolvimento da região do noroeste colonial do RS	GOMES, F. B. M.; GRIEBELER, M. P. D.; SIEDENBERG, D. R.

Fonte: elaborado pelos autores

Conforme apresentado a Quadro 1, o autor com maior número de publicações é Melo P. A. com seis trabalhos, em seguida Tecchio E. L. e Tosta H. T., com 4 trabalhos e Cário, S. A. F. com três. Vale ressaltar que todos esses autores têm alguma relação direta/indireta entre si. Tecchio E. L. e Tosta H. T. publicaram em conjunto quatro artigos, com participação de Melo, P. A em duas delas. Dos seis artigos de Melo, P. A., uma conta com a participação também de Cário, S. A. F.

Quadro 1 – Autores com mais publicações sobre o tema “universidade-empresa” no CIGU

ANO	TÍTULO	AUTORES			
		MELO, P. A.	TECCHIO, E. L.	TOSTA, H. T.	CÁRIO, S. A. F.
2003	A cooperação universidade/empresa no Brasil	x			
2003	Universidade empreendedora: fortalecendo os caminhos para a responsabilidade social	x			
2004	Relação universidade e sociedade: cenário e perspectivas das universidades brasileiras	x			
2008	Cooperação universidade/segmento empresarial na Universidade Federal de Santa Catarina: da Fundação CERTI ao Sapiens Parque	x	x	x	
2009	Cooperação universidade/segmento empresarial: um processo necessário à inovação		x	x	
2010	Cooperação universidade-segmento empresarial: dificuldades e mecanismos facilitadores do processo.		x	x	
2011	Dinâmica da interação universidade-empresa em Santa Catarina em relação ao Brasil sob a ótica da intensidade tecnológica				x

2011	A contribuição da cooperação universidade-segmento empresarial no processo de inovação	x	x	x	
2013	A interação universidade-empresa em Santa Catarina-Brasil: evolução e caracterização dos grupos de pesquisa e seu relacionamento com o setor produtivo				x
2014	Cooperação universidade-empresa sob enfoque institucionalista-evolucionário: entraves e mecanismos facilitadores do processo nas universidades públicas de Santa Catarina	x			x

Fonte: elaborado pelos autores

3.1 Análise das palavras-chaves

Dos 33 artigos que compõem o portfólio, oito não apresentavam palavras-chaves, sendo assim, esta análise restrita à 25 artigos. Os artigos que não possuíam palavras-chaves encontram-se o Quadro 2:

Quadro 2 – Lista de artigos sem palavras-chaves

ANO	TÍTULO
2003	A cooperação universidade/empresa no Brasil
2003	Universidade empreendedora: fortalecendo os caminhos para a responsabilidade social
2004	Cooperação e parcerias interinstitucionais: reflexões sobre o papel da universidade pública
2004	Assessoria em gestão como vetor de desenvolvimento das MPMEs da região noroeste colonial do Rio Grande do Sul
2004	Relação universidade e sociedade: cenário e perspectivas das universidades brasileiras
2014	Implantação e desenvolvimento de uma rede de cooperação em tecnologias limpas com o apoio de cursos de pós-graduação: o caso da rede de tecnologias limpas e minimização de resíduos - TECLIM
2005	Cooperação universidade-empresa-governo: o caso UNIJIÚ/SEDAI
2011	Dinâmica da interação universidade-empresa em Santa Catarina em relação ao Brasil sob a ótica da intensidade tecnológica

Fonte: elaborado pelos autores

Além da palavra-chave “universidade-empresa”, esta é combinada com outras como, por exemplo, “cooperação universidade-empresa”, “integração universidade-empresa”. Outras palavras-chaves que merecem destaque são: “desenvolvimento regional”; “inovação” e “universidade”.

Tabela 3 – Palavras-chaves mais frequentes no portfólio da pesquisa

Palavras-chaves	Frequência
Cooperação	7
Cooperação universidade-empresa	7
Inovação	6
Universidade-empresa	6
Desenvolvimento regional	5
Universidade	4
Empreendedorismo	2
Empresa	2
Governo	2
Mecanismos facilitadores	2
Núcleo de inovação tecnológica	2

Sistemas de Inovação	2
Universidade e sociedade	2
Universidade empreendedora	2
Tripla hélice	2

Fonte: elaborado pelos autores

Após o levantamento das palavras-chaves utilizadas, um processo de padronização das palavras consideradas sinônimas foi realizado (p. ex. “universidade-segmento empresarial”, “empresa-universidade” foram padronizadas para “universidade-empresa”; onde havia “interação” passou a se utilizar “cooperação”; “hélice tripla” e “trilha hélice”; etc.), foi elaborado a tabela de frequência daquelas citada duas ou mais vezes, conforme apresentado na Tabela 2. Identificou-se ainda que todas as palavras-chaves se inter-relacionam entre si direta ou indiretamente.

3.2 Assuntos relacionados com o tema

Em consonância com as palavras-chaves, os assuntos mais tratados nos artigos selecionados para compor o portfólio são:

- Universidade empreendedora: Novo e Melo (2003), Chais *et al.* (2014);
- Desenvolvimento regional: Kuhn, Brandli e Redin (2004), Theis, Meneghel e Bagattolli (2004), Vitcel, Teixeira e Redin (2005), Vitcel *et al.* (2005); Queiroz (2007), Bandeira e Novo (2011); Chais *et al.* (2014);
- Micro, pequenas e médias empresas (MPMEs): Vitcel, Teixeira e Redin (2005); Kuhn, Brandli e Redin (2004), Vitcel *et al.* (2005);
- Parque tecnológico: Theis, Meneghel e Bagattolli (2004);
- Sistemas de inovação: Tecchio *et al.* (2009), Esteves *et al.* (2013); Morais Neto, Pereira e Costa (2014)
- Gerenciamento de projetos: Saito e Lezana (2015)

Um assunto à parte, porém importante é em relação à inovação. A maioria dos trabalhos trata sobre este assunto relacionado à colaboração U-E. Pode-se dizer que inovação é inerente ao tema Universidade-empresa.

3.3 Análise Sistêmica: panorama sobre o tema “universidade-empresa”

O contexto dos estudos sobre a relação universidade-empresa tem passado por transformações, de acordo com o período analisado.

Melo (2003) sugere que as mudanças econômicas e sociais juntamente com o estreitamento dos laços entre a universidade e empresa pode ser instrumentos capazes de dinamizar e sugerir caminhos para a sociedade brasileira. Para o autor, a universidade precisa se reintegrar e interagir com mais dinamismo na sociedade para atender as necessidades mais urgentes da sociedade que a mantém (MELO, 2003). Ressalta-se que essas mudanças econômicas e sociais não estão dissociadas a influências externas, devido ao ambiente globalizado inerente à sociedade pós século XX.

Nesse sentido, com o objetivo de discutir o papel da cooperação acadêmica internacional no desenvolvimento universitário, tendo como contexto a globalização da economia, as novas tecnologias da informação e da comunicação, e a respectiva cooperação Universidade-Empresa, Cruz e Ehrhardt (2003) chamam a atenção das instituições de ensino superior

tradicionais para o que está acontecendo no setor de educação superior, evocando discussão que conduza à tomada de decisões estratégicas de modo a se tirar proveito dos movimentos de reestruturação de setores da economia que precisam cada vez mais de cooperação prática e aplicada.

Entre outras conclusões, Cruz e Ehrhardt (2003) relatam que, com a parceria U-E, empresas encontram na universidade a ponte que necessitam para o mercado alvo e, mesmo a um custo menor que normalmente é pago para empresas de consultoria, recebe um serviço confiável, respaldado pela participação da universidade. Ainda de acordo com os autores, para a universidade, a mesma passa a fazer parte de um “mapa” das universidades conectadas com as necessidades do tempo atual possibilitando a participação dos professores em experiências inclusive internacionais; cria-se laços de confiança entre o empresariado local e regional com a universidade, servindo como incentivo para propostas de novos empreendimentos. A universidade estrangeira pode abrir oportunidades para alunos e professores para programas de intercâmbio, proporcionando uma formação diferenciada e adaptada às necessidades da globalização dos mercados e da própria universidade (CRUZ; EHRHARDT, 2003).

Para Novo e Melo (2003), o estreitamento das relações U-E surgiu a partir da necessidade de criação da concepção da Universidade Empreendedora, onde o caráter empreendedor além de fazer parte dos currículos dos cursos, está na filosofia de ensino adotada pelas instituições.

Guimarães *et al.* (2004, p. 12) dizem que a busca pela parceria com universidades aumentou “em função da pressão internacional por produtos tecnologicamente inovadores, com elevada qualidade de preços competitivos”. Porém ressaltam o compromisso público das universidades com a sociedade que as mantém, de identificar e analisar os problemas vinculados com a realidade local. Os autores criticam que a atuação das universidades deveria, prioritariamente, “voltar-se para o desenvolvimento do conhecimento de forma comprometida com as expectativas da sociedade, no que tange às questões sociais básicas, como educação, saúde, condições de vida e exclusão social” (GUIMARÃES *et al.*, 2004, p. 12).

Na opinião de Vitcel, Teixeira e Redin (2005), é possível haver cooperação proveitosa entre universidade-empresa-governo, de maneira que seja socializado o aprendizado tanto da empresa como da universidade, bem como o Estado pode atuar na economia local por meio de financiamento de serviços a serem prestados para as empresas. No entanto, estas três instituições devem conciliar os seus interesses em prol do bem comum ao mesmo tempo em que se respeite a essência de cada instituição para preservar suas identidades no processo de interação sob forma de organização em Redes de Cooperação, nas quais o associativismo e a cooperação aparecem como estratégia para as empresas conseguirem força e permanência num mercado altamente competitivo (VITCEL; TEIXEIRA; REDIN, 2005).

Kuhn, Brandli e Redin (2004), verificaram, por meio de um estudo dos resultados de um projeto de extensão entre governo, universidade e empresas, que a ação qualificada para o desenvolvimento regional passa pela atuação competente dos profissionais e agentes que atuam nas organizações.

Nesse sentido, pode-se dizer que parte da responsabilidade no empreendimento da relação está no contexto dos líderes de grupos de pesquisa. Zimmer e Melo (2004, p. 10) dizem que “o grupo não é uma criação de iniciativa de uma administração universitária ou de agências externas. Estas podem dar os estímulos, os meios ou mesmo servir de catalizadoras, mas a dinâmica e a força são, em grande medida do coordenador do grupo”.

Para Vitcel *et al.* (2006), é necessário que cada agente envolvido na relação universidade-empresa-governo busque substancial significado na cooperação entre si: para a universidade, a disseminação do conhecimento gerado para a sociedade e sustentabilidade financeira; para as empresas a possibilidade de profissionalização em gestão e inovação, e melhoria na sua

estabilidade organizacional; e, para o governo, a possibilidade de executar sua responsabilidade de contribuir no desenvolvimento regional.

Um exemplo de parceria entre universidade e governo pode ser encontrado em Nunes *et al.* (2010), que descrevem a parceria entre um núcleo de pesquisas universitário com um órgão governamental para informar e promover a saúde do trabalhador. Por meio desta parceria, foram desenvolvidas atividades que proporcionaram medidas de prevenção e combate dessa violência contemporânea, destacando-se o desenvolvimento de pesquisas referentes ao tema de assédio moral, seminários sobre prevenções, pesquisas de iniciação científica, temas de mestrado, exposição de banners, folders informativos e projetos relacionados ao tema financiado por órgãos de fomento.

Por fim, “como prefigurado pela teoria da tripla hélice, a formação de arranjos institucionais e o surgimento de novas formas organizacionais na interface das esferas, facilitaria o fluxo que leva o conhecimento ao desenvolvimento por meio da geração de inovações” (TONELLI; ZAMBALDE, 2006, p. 14). Para Moraes Neto, Pereira e Costa (2014), a organização de uma instituição de ensino superior (IES) especificamente direcionada para a interação universidade-empresa-governo deve ser uma prioridade nacional, caso se queira a geração de inovações.

3.4 Universidade-empresa no processo de inovação

Para Tecchio *et al.* (2009), o conhecimento tornou-se um dos principais insumos de produção da sociedade e base de competitividade entre as empresas e países. A inovação derivada desses novos conhecimentos impacta significativamente no desenvolvimento econômico das nações (TECCHIO *et al.*, 2009). Para os autores, cabe aos países desenvolverem sistemas de inovação, capazes de gerar um ambiente propício ao processo de inovação, onde os agentes envolvidos nesse processo possam dar as respostas necessárias a sociedade em termos de desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida da população. A universidade é colocada como um dos protagonistas na tarefa de se promover o processo de inovação, pois cabe a elas prestar auxílio na busca pelo desenvolvimento de inovações e às empresas coloca-la a disposição da sociedade e, no cenário brasileiro, o conhecimento que gera tais inovações é desenvolvido nas Universidades, especialmente, nas públicas (TECCHIO *et al.*, 2009).

Tecchio *et al.* (2011), com o objetivo de verificar a importância da cooperação U-E para o processo de inovação em uma universidade brasileira, observou que, apesar de algumas manifestações contrárias a maneira como ele ocorre, o processo de cooperação U-E é aceito pelos representantes desta instituição. Os autores destacam que alguns centros de ensino possuem um relacionamento mais intenso que outros, estes últimos devem identificar suas competências e buscar os nichos de mercado para explorar. Quanto à inovação, os autores ressaltam que o conhecimento gerado na universidade deve chegar à sociedade, e por meio da cooperação com as empresas é que isso ocorre. Ressaltam ainda, que o financiamento de pesquisas por parte das empresas serve como um “combustível para a realização de outras, mantendo o motor do processo de inovação aquecido” (TECCHIO *et al.*, 2011, p. 15).

Cário, Lemos e Pereira (2011), analisando a dinâmica de interação U-E considerando o nível de Intensidade Tecnológica das empresas brasileiras, concluem que as empresas investem no aperfeiçoamento de produto e processo existente e também, em menor escala, em desenvolvimento de novo produto ou processo para a empresa e para o país.

No que diz respeito às fontes de informação utilizadas para sugerir novos projetos, Cário, Lemos e Pereira (2011) chegaram as seguintes conclusões:

- a) Em relação às fontes de informação utilizadas para sugerir novos projetos: i) forte orientação para o mercado, considerando que a principal fonte destacada é o cliente;

- ii) para concluir projetos, as respostas apontaram predominância para a linha de produção da própria empresa, revelando que as rotinas possibilitam definir a trajetória das mudanças tecnológicas; e iii) as universidades e os institutos de pesquisa são pouco citados como fontes de informação para as empresas, as empresas tendem a atribuir pouca importância à maioria dos mecanismos costumeiros enfatizados pelos gestores de tecnologia, tais como, incubadoras, parques científicos ou tecnológicos e *spin-offs*;
- b) Referente às áreas do conhecimento, os autores destacam a grande área das engenharias, cuja contribuição insere-se no novo paradigma tecno-produtivo que tem como elemento central a inovação;
 - c) Quanto à iniciativa, tanto as universidades têm procurado as empresas, quanto as empresas tem procurado as universidades para o desenvolvimento de atividades conjuntas;
 - d) Com relação às fontes de financiamento dos projetos em colaboração com as universidades identificou-se que as empresas utilizavam seus próprios recursos. Nas indústrias de alta tecnologia há uma predominância maior de recursos públicos, justificado pelo fato de que as políticas públicas privilegiam este tipo de empresa e pela natureza da atividade em si que revela alto risco e caráter de incerteza. Já as indústrias de baixa tecnologia e de serviços de informação e de comunicação possuem menos acesso aos recursos públicos.

Morais Neto, Pereira e Costa (2014) constataram que, dentro da perspectiva de Sistema de Inovação, estruturas físicas específicas para esta aproximação de agentes da universidade-empresa-governo são fundamentais. Além disto, políticas públicas e políticas acadêmicas que incentivem relacionamento interpessoal são benéficas para a relação tripla: as redes de contato, profissionais, pessoais e de pesquisas, podem facilitar a sustentabilidade de pesquisas e a posteriori transferência do conhecimento gerado para as empresas ou para a sociedade.

3.5 Formas e tipos de interação U-E

Para Novo e Melo (2003), as práticas mais comuns das universidades consolidarem parceria com a sociedade são: por meio fundações de apoio à pesquisa, consultorias, estágios, empresas juniores, incubadoras e institutos de transferência de tecnologia. Em suas próprias palavras:

ao desenvolver essas ações de forma integrada, a universidade estará promovendo uma constante troca de saberes, onde professores e estudantes estarão em permanente contato com a realidade social, com os novos métodos de trabalho e de prestação de serviços e, as empresas, por sua vez, em contato direto com o desenvolvimento de novas tecnologias, fundamentais para garantir sua competitividade” (NOVO, MELO, 2003, p. 14).

Queiroz (2007), que teve como objetivo identificar como as atividades de ensino, pesquisa e extensão de uma universidade auxiliam para a geração de conhecimento no setor de tintas e vernizes. Nesse sentido, identificou que os principais tipos de cooperação das universidades com as empresas são por meio de prestação de serviços e os estágios. Além disso, no caso analisado, as principais necessidades estão relacionadas às pesquisas nas áreas de tintas, cursos de capacitação na área de gestão empresarial e consultoria que possibilite o auxílio às empresas por parte da universidade (QUEIROZ, 2007). A autora verificou também que a interação da universidade com as empresas obtém maior desenvolvimento tecnológico e

inovativo, podendo atender as empresas no mercado cada vez mais avançado tecnologicamente.

Flores, Dias e Flores (2007) identificaram que o estágio curricular, mais especificamente do curso de administração, cumpre um papel importante no processo de cooperação U-E, uma vez que possibilita a troca de experiências da aplicação de ferramentas de gestão. Segundo os autores, havendo um comprometimento do acadêmico pelo desenvolvimento do conhecimento, acontece a cooperação.

Para Tecchio *et al.* (2008), as fundações, parques tecnológicos, poder público e as empresas contribuem para a empregar o conhecimento gerado na academia no desenvolvimento de tecnologias e produtos inovadores. Segundo os autores, por meio de Centros de Referências em Tecnologias Inovadoras, têm-se desenvolvido novas tecnologias e, assim, novos produtos trazendo maior desenvolvimento tecnológico na região e contribuindo para o desenvolvimento de novas empresas e novos empregos, além de geram faturamentos que se convertem em impostos arrecadados para o governo. Os parques tecnológicos se traduzem como o ápice a relação tripla, mostrando amadurecimento dessa relação e como solução estratégica para os países emergentes (TECCHIO *et al.* 2008).

Para Bandeira e Novo (2011) a transferência de tecnologia ocorre de várias formas, tanto através dos egressos que vem exercendo atividades em instituições de ensino e pesquisa, órgãos públicos, associações de produtores, cooperativas e empresas produtoras, como nas atividades de extensão promovidas em campo, também através das publicações de artigos, dissertações, teses ou revistas de grande circulação.

Chais *et al.* (2013) analisaram o papel dos NITs (Núcleos de Inovação Tecnológica) na cultura da inovação das universidades e concluíram que os Nits estudados possuem interação com as empresas de suas regiões por meio de serviços tecnológicos, laboratoriais, desenvolvimento parciais e de novos produtos, e a validação de produtos inventados pelas empresas e certificados pelos pesquisadores das universidades.

De acordo com Leite, Dama e Griebeler (2013), o empreendedorismo se configura como um vetor de desenvolvimento através da inovação, da visão e percepção de novos espaços de atuação e de novas oportunidades, não se limita à criação de empresas e negócios padronizados. Nesse sentido, ressaltam que através da prática da vivência, em qualquer área de atuação, onde o aluno seja estimulado a ter iniciativa, a ser proativo, a buscar soluções criativas para os problemas, a criar metas e objetivos e traçar caminhos para cumpri-los, a inovar dentro de seu campo de atuação, pode-se desenvolver um espírito empreendedor. Para isso a universidade, por meio dos departamentos e seus docentes, deve criar espaços e fornecer subsídios para que o acadêmico possa construir essas relações de aprendizado na prática da vivência. Mas para que isso aconteça, o passo inicial é difundir esse ideal para o quadro funcional da universidade (LEITE, DAMA, GRIEBELER, 2013).

3.6 Motivações, obstáculos e mecanismos facilitadores

Diversos trabalhos, além que analisarem as perspectivas sobre universidade-empresa em determinados ambientes, apontam diversas questões relacionadas às motivações, obstáculos e os mecanismos que estão relacionados à essa interação interinstitucional entre universidades e empresas.

Segundo Melo (2003), a cooperação ocorre com maior intensidade basicamente por duas questões: pelo declínio do investimento público, que fazem com que as universidades busquem incorporar recursos para suprir as necessidades básicas emergenciais e pela busca das empresas de novos produtos e tecnologias que possibilite maior competitividade e lucratividade no mercado interno e externo.

Tonelli e Zambalde (2006), com o objetivo de confrontar o arcabouço teórico sobre o assunto das relações universidade-empresa-governo e sua contribuição para a geração de inovações, identificaram dois fatores relacionados de forma direta ao que se refere a ação empreendedora: a) a inovação surgiu em torno de iniciativas do seu respectivo principal pesquisador, que se estendeu além dos limites dos esforços científicos; e b) falta de arranjos adequados entre as esferas universidade-empresa-governo, sendo que a o surgimento da inovação na universidade se torna dependente da iniciativa empreendedora do pesquisador.

Para Queiroz (2007), os fatores motivadores, por parte das empresas, é o acesso à novos conhecimentos desenvolvidos no meio acadêmico e a resolução de problemas técnicos. Já por parte da universidade, os fatores motivadores são os recursos financeiros adicionais fornecidos pelas empresas para a pesquisa e a realização da função social de transformar os conhecimentos em produto/processos para a melhoria da qualidade de vida da população (QUEIROZ, 2007).

Com o objetivo de analisar as principais dificuldades e os mecanismos facilitadores da relação U-E, Tecchio *et al.* (2010) fizeram um estudo em uma universidade brasileira e identificaram que as diferentes visões em relação à cooperação, falta de legislação clara para nortear o processo, a não institucionalização da cooperação, falta de cultura voltada para inovação e visões dicotômicas entre a academia e o segmento empresarial são as maiores dificuldades. Quanto aos mecanismos facilitadores, os autores citam os departamentos de projetos de pesquisa, incubadoras e parque tecnológico. Além disso, identificou que outro mecanismo facilitador seria a criação de um banco de dados com pesquisas realizadas na universidade, possibilitando o acesso às pesquisas e ao conhecimento por parte da sociedade e empresas.

Azevedo, Cário e Melo (2014), com o objetivo de identificar as principais dificuldades e mecanismos que facilitam a cooperação entre empresas (responsáveis pela dimensão tecnológica) e universidades (parte da infraestrutura científica do país), identificaram que a cooperação UE nas instituições é considerada essencial, na medida em que os representantes das instituições apontam a centralidade da contribuição das universidades para o Sistema Nacional de Inovação, e assumem a essencialidade da Universidade na criação conhecimentos inovadores por meio de pesquisas, os quais são bases do desenvolvimento do sistema tecnológico e inovativo das empresas. Para Azevedo, Cário e Melo (2014), a cooperação destas instituições se trata de um processo complexo e em constante aperfeiçoamento. Os autores ressaltam, no que concerne às dificuldades do processo de cooperação, as legislações às quais as instituições públicas estão vinculadas, ausência de uma política interna clara correlacionada ao assunto, ausência de consenso dentro das instituições, prazos incompatíveis do que é exigido pelas empresas em relação ao que a universidade pode responder sob a forma de pesquisa, ausência de legislação específica para o processo de cooperação, e, por fim, linguagem, tempo e objetivos diferenciados no que diz respeito às universidades e empresas. No intuito de diminuir ou extinguir estes problemas, foram identificados também os mecanismos que facilitam o processo, tais como: aprovação da criação de fundação de apoio e credenciamento de outras para atuarem junto às instituições; criação do departamento de inovação; criação comissões para definição da política de inovação.

Conforme apresentado no Quadro 3, Zimmer *et al.* (2015) apresentam os principais entraves para a interação entre universidades e empresas, segundo a percepção de três públicos: coordenadores de grupos de pesquisa; coordenadores de NITs; e gerentes de pesquisa e desenvolvimento das empresas. Pode-se perceber que nas três instâncias, principalmente nas empresas, a falta de conhecimento sobre determinados assuntos são as maiores dificuldades.

Além dos obstáculos já citados, um entrave que merece atenção é a questão da diferença entre a pesquisa básica e a pesquisa aplicada.

Quadro 3 – Principais dificuldades para a realização de universidade-empresa

Grupos de pesquisa	NIT	Empresas
<ul style="list-style-type: none"> • Não conhecem o NIT da universidade; • Excesso de burocracia, instâncias internas; • Restrição de recursos; e • Carência de política para comercialização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não utilizam ferramentas para a valoração de tecnologias; • Realizam busca de anterioridade visando identificar tecnologias semelhantes; • Ação de marketing tecnológico passivas; • Não possuem banco de contatos para a busca de pesquisadores; • Carência de política agressiva para a comercialização de tecnologias; • Carência de visão empreendedora dos pesquisadores; • Excesso de burocracia, instâncias internas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Não interagem com universidades por desconhecerem as oportunidades; • Não sabem como proceder para interagir com a universidade; e • Os que já interagiram reclamam da morosidade e desconhecimento do processo.

Fonte: Zimmer *et al.* (2015)

3.6.1 Pesquisa básica *versus* Pesquisa aplicada

Quando se fala em relação universidade-empresa, a inovação é praticamente intrínseca ao tema. Mas para gerar inovação, os conhecimentos devem ser postos em prática e chegar à sociedade como um bem/serviço que gere benefício para ela. Uma questão, muitas vezes posta em oposição, é a pesquisa básica *versus* pesquisa aplicada.

Serra *et al.* (2009) chama a atenção que a falta de alinhamento proposital com a política de desenvolvimento produtivo leva a crer que a disseminação da cultura da inovação tecnológica na universidade é insipiente uma vez que, em quase sua totalidade, é direcionada à pesquisa básica, distante do uso prático. Segundo os autores, essa preferência pela pesquisa básica pode estar conduzindo o comportamento dos pesquisadores.

Porém, nesse sentido, Chais *et al.* (2013, p. 12) ressaltaram que

o caminho para um melhor envolvimento do corpo docente [...] é rever a carga horária destinada aos pesquisadores envolvidos em projetos de inovação e em convênios com empresas, pois atualmente, esses pesquisadores encontram-se com muitas horas em sala de aula e orientações, supervisões e pesquisa básica (que na maioria das vezes não possui grau de invenção) e não conseguem assumir o papel de pesquisador empreendedor, e dedicar-se às pesquisas aplicadas que geram inovação.

Por outro lado, Vitcel, Teixeira e Redin, (2005, p. 11) ressaltam que parte do agente cooperado, da empresa, “não se conscientizaram da necessidade premente de se prover da constante busca de conhecimento para melhor gerir os seus negócios e não pensar que a universidade é absolutamente teórica e deslocada da realidade, cujo conhecimento assim gerado, não possa superar suas expectativas com efetiva aplicação prática”.

Chais *et l.* (2014), concluíram que o empresariado anseia que as universidades estejam comprometidas e alinhadas com as comunidades as quais estão inseridas, pois somente desta forma poderão desenvolver habilidades técnicas e auxiliar no desenvolvimento de competências, nas tomadas de decisão, nos relacionamentos com as equipes e no fomento a inovação. Ainda, segundo os autores, a interação é dependente da visão e principalmente da necessidade do empresário, não bastando para isto ser identificado o potencial das universidades e as demandas do empresariado. Estas necessidades também demandam agilidade nos resultados, fator que distancia a pesquisa básica da aplicada evidenciando a necessidade de pesquisadores mais preparados e de maiores investimentos financeiros, tanto da universidade quanto do empresariado (CHAIIS *et al.*, 2014). Os autores perceberam que os empresários entendem a dar importância na atuação extensionista, na medida em que esta

possibilita a colaboração com baixos níveis de riscos, incentiva a criação de *start-ups*, a presença de financiamentos públicos e transferência de tecnologias, podendo desta forma tornar a pesquisa básica orientada para os interesses do mercado. Ainda de acordo com os resultados da pesquisa de Chais *et al.* (2014), os empresários das regiões entrevistadas acreditam que a universidade que interage com as empresas tem uma boa contribuição para o desenvolvimento da região em que estão inseridas, embora seja latente a necessidade de diminuir do *gap* existente entre elas, principalmente na morosidade dos processos dentro da universidade, enquanto a empresa necessita ser ágil e competitiva.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi analisar a publicação sobre o tema “universidade-empresa” nos anais do CIGU, em língua portuguesa e analisar a evolução dos estudos no contexto brasileiro.

Pode-se dizer que em pouco mais de 10 anos (2003 a 2015) o contexto dos estudos sofreu algumas alterações. Estudos sobre universidade-empresa, no Brasil, tem uma evolução no sentido *top-down*, ou seja, analisado do ambiente macro (p. ex. ambiente econômico do Brasil) para o micro (p. ex. gerenciamento dos projetos U-E).

Enquanto Melo (2003) relaciona a necessidade da interação U-E no contexto das mudanças econômicas e sociais e Cruz e Ehrhardt (2003) no contexto da globalização, autores como Guimarães *et al.* (2004, p. 12), Kuhn, Brandli e Redin (2004), Asher *et al.* (2004), Vitcel, Teixeira e Redin (2005), já analisaram a relação U-E nas questões relacionadas ao papel da universidade no desenvolvimento regional e nas dinâmicas do ambiente da interação visando o bem comum. Melo (2003) e Guimarães *et al.* (2004) ressaltam o compromisso da universidade com a sociedade que as mantém.

A partir de 2006 a relação U-E já parece um fato. Os trabalhos estão cada vez mais relacionados à inovação e a geração de conhecimento e como ele é utilizado para aumentar a competitividade das empresas, inclusive micro, pequenas e médias. Além disso, questões estruturais com parques tecnológicos, fundações de apoio, centros de inovação, departamentos específicos como NITs para apoiar essas relações são cada vez citados como formas e mecanismos de interação U-E.

Alguns temas, além de “inovação” puderam ser relacionados como “universidade empreendedora”, “desenvolvimento regional”, “micro, pequenas e médias empresas”, “parques tecnológicos”, “sistema de inovação” e até mais específicos como “gerenciamento de projetos”.

Os autores que têm estudado sobre o tema “universidade-empresa” apontam, frequentemente questões relacionados ao processo de inovação, as formas e tipos de interação entre as duas instituições além das motivações, obstáculos e mecanismos que facilitam essa interação.

Pode-se dizer que as motivações são, em geral, de cunho financeiro por parte das universidades e necessidade tecnológica para o mercado por parte das empresas, o que não deixa de ser financeiro. Os obstáculos recaem, no geral, sobre falta de informação que inclui o desconhecimento de processos, o que pode ser incluído as questões burocráticas.

Por fim, como ressaltou Costa, Silveira e Magalhães (2009, p. 12) “as parcerias contribuem com o processo de inovação das empresas, mas há necessidade de maior atenção às características diferenciadas das organizações e instituições de ensino, bem como às diversas dimensões do processo de inovação”, ou seja, a relação U-E envolve duas instituições de natureza distintas e é preciso que se encontre um ponto de equilíbrio entre os interesses para que ambas, tanto universidade quando empresa, tenham disposição e vigor para realizarem a parceria com sucesso. Para isso, mecanismos como os NITs, fundações,

orientações de estágios, projetos de pesquisa e extensão, entre outros, devem ser geridos de forma efetiva, podendo contar com ferramentas gerenciais para essa tarefa, além da consciência dessa necessidade daqueles que estão à frente destes mecanismos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, P.; CARIO, S. A. F.; MELO, P. A. Cooperação universidade-empresa sob enfoque institucionalista-evolucionário: entraves e mecanismos facilitadores do processo nas universidades públicas de Santa Catarina. In: **XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Florianópolis, 2014.

BANDEIRA, A. C.; MADRUGA; N., L. F. Universidade e desenvolvimento regional: análise da contribuição do programa de pós-graduação em ciência e tecnologia de sementes da UFPEL. **XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2011.

CÁRIO, S.; LEMOS, D. C.; PEREIRA, A. R. Dinâmica da interação universidade-empresa em Santa Catarina em relação ao Brasil sob a ótica da intensidade tecnológica. In: **XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2011.

CHAIS, C. *et al.* Atuação dos núcleos de inovação tecnológica na promoção do desenvolvimento regional a partir da abordagem da tríplice hélice. In: **XIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas**. Buenos Aires, 2013.

CHAIS, C. *et al.* Universidade empreendedora: a ótica dos empresários sobre o posicionamento empreendedor da universidade na contribuição para o desenvolvimento regional. In: **XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Florianópolis, 2014.

COSTA, M. I.; SILVEIRA, I.; MAGALHÃES, C. F. A integração das instituições de ensino de moda e empresas têxteis catarinenses: compromisso com a criação do conhecimento e inovação. In: **IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2009.

CRUZ, C. B. B.; EHRHARDT, G. A cooperação universidade-empresa como fator de capacitação e potencialização da internacionalização: o caso do centro universitário de Jaraguá do Sul – UNERJ. In: **III Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur**. Buenos Aires, 2003.

ESTEVES, P. C. L. *et al.* Universidade como centro de um sistema regional de inovação: o caso do campus Araranguá da Universidade Federal de Santa Catarina. In: **XIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas**. Buenos Aires, 2013.

FLORES, L. C. S.; DIAS, M. A. H.; FLORES, R. O. M. S. Estágio curricular do curso de administração do centro de ciências sociais aplicadas – elemento de integração - empresa universidade. In: **VII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Mar del Plata, 2007.

GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. Atlas, 2000.

GOMES, F. B. M.; GRIEBELER, M. P. D.; SIEDENBERG, D. R. O projeto extensão produtiva e inovação – PEPI e sua contribuição para o desenvolvimento da região do noroeste colonial do RS. In: **XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Mar del Plata, 2015.

GUIMARÃES, V. N. *et al.* Cooperação e parcerias interinstitucionais: reflexões sobre o papel da universidade pública. In: **IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2004.

KIPERSTOK, A. *et al.* Implantação e desenvolvimento de uma rede de cooperação em tecnologias limpas com o apoio de cursos de pós-graduação: o caso da rede de tecnologias limpas e minimização de resíduos – TECLIM. In: **IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2004.

KUHN, I. N.; BRANDLI, G. L.; REDIN, E. Assessoria em gestão como vetor de desenvolvimento das MPMEs da região noroeste colonial do Rio Grande do Sul. In: **IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2004.

LEITE, A. G. C.; DAMA, R. A.; GRIEBELER, M. P. D. As iniciativas empreendedoras da UNIJUÍ e sua contribuição para o desenvolvimento econômico e social regional: uma análise da instituição a partir dos parâmetros de universidade empreendedora. In: **XIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas**. Buenos Aires, 2013.

LEMO, D. C.; CÁRIO, S. A. F. A interação universidade-empresa em Santa Catarina-Brasil: evolução e caracterização dos grupos de pesquisa e seu relacionamento com o setor produtivo. In: **XIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária nas Américas**. Buenos Aires, 2013.

MELO, P. A. A cooperação universidade/empresa no Brasil. In: **III Coloquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur**. Buenos Aires, 2003.

MORAIS NETO, S.; PEREIRA, M. F.; COSTA, A. M. Hélice tripla e criação de valor compartilhado: uma proposta de integração universidade-empresa-governo no sistema de inovação. In: **XIV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Florianópolis, 2014.

NUNES, T. S. *et al.* Parceria entre universidade e sociedade para promoção da saúde do trabalhador. In: **X Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Mar del Plata, 2010.

PACHECO, A. S. V. *et al.* Dimensionamento do sistema de transferência de conhecimento científico e tecnológico do SOCIUS/ISEG, da Universidade Técnica de Lisboa para a sociedade organizada. In: **X Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Mar del Plata, 2010.

QUEIROZ, F. C. B. P. Cooperação universidade-empresa e adoção de inovações: uma análise do setor de tintas, vernizes e solventes da AMREC e da universidade do extremo sul catarinense. In: **VII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Mar del Plata, 2007.

SAITO, C. E.; LEZANA, Á. G. R. Fatores de sucesso de projetos universidade-empresa: um quadro atualizado para gestão de projetos. In: **XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Mar del Plata, 2015.

SERRA, C. S. *et al.* A relação da pesquisa científica e da cultura de inovação no âmbito acadêmico, uma análise da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. In: **IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2009.

TECCHIO, E. L. *et al.* A contribuição da cooperação universidade-segmento empresarial no processo de inovação. In: **XI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2011.

TECCHIO, E. L. *et al.* Cooperação universidade/segmento empresarial na Universidade Federal de Santa Catarina: da Fundação CERTI ao Sapiens Parque. In: **VIII Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Assunção, 2008.

TECCHIO, E. L. *et al.* Cooperação universidade/segmento empresarial: um processo necessário à inovação. In: **IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2009.

TECCHIO, E. L. *et al.* Cooperação universidade-segmento empresarial: dificuldades e mecanismos facilitadores do processo. In: **X Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Mar del Plata, 2010.

THEIS, I. M.; MENEGHEL, S. M.; BAGATTOLLI, C. Transferência de conhecimento para o setor produtivo em escala regional: o caso da FURB. In: **IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2004.

TONELLI, D. F.; ZAMBALDE, A. L. O ideal e o real: contribuições da teoria da tripla-hélice de relações universidade-governo-empresa versus a prática da geração de inovações na universidade. In: **VI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Blumenau, 2006.

VITCEL, M. S.; TEIXEIRA, E. B.; BEBER, M. C. Possibilidades e limites na cooperação universidade-empresa-governo: análise da experiência entre UNIJUÍ-SEDAI. In: **VI Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Blumenau, 2006.

VITCEL, M. S.; TEIXEIRA, E. B.; REDIN, E. Cooperação universidade-empresa-governo: o caso UNIJUÍ/SEDAI. In: **V Colóquio Internacional sobre Gestión Universitaria en América del Sur**. Mar del Plata, 2005.

ZIMMER, P. *et al.* Obstáculos para a interação universidade-empresa: percepção de NITs, grupos de pesquisa e empresa. In: **XV Colóquio Internacional de Gestão Universitária**. Mar del Plata, 2015.

ZIMMER, P.; MELO, P. A. Relação universidade e sociedade: cenário e perspectivas das universidades brasileiras. In: **IV Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2004.